

“Os ricos têm consultores bem pagos que os informam. Já o pequeno poupador tem apenas a nós, e a mais ninguém”



## Ecoss do calote

*Passado o choque, a Imprensa descobre que informou mal*

por Miriam Leitão

Só há duas alternativas: ou fomos muito incompetentes ou enganamos o leitor. Nenhum jornalista de economia conseguiu avisar ao leitor ou ao espectador que o governo Collor daria um calote na dívida interna. Vários de nós sabíamos que não havia alternativa para a dívida interna. Qualquer jornalista que se tenha detido a analisar a bola de neve que foi a política de juros altos dos últimos seis meses do governo Sarney, sabia aquilo que o deputado Cesar Maia (PDT-RJ) não se cansava de repetir: a dívida era impagável.

Quem conversou com os economistas dos partidos políticos sabia que, na verdade, tramavam-se fórmulas engenhosas de se tirar dinheiro da população e depositá-lo nos inseguros e insaciáveis cofres públicos. Ou seria decretado um longo feriado bancário sem a correção dos ativos. Ou seriam impedidos os saques acima de uma determinada quantia. Ou coisa

que o valha. É verdade que por mais especulações que fizéssemos com economistas, não conseguimos imaginar nada tão amplo nem tão irresponsável quanto a profanação de cadernetas de poupança e contas correntes — de resto, sagradas em economias capitalistas.

**Dogmas e profecias** — Quanto ao *over*, sabíamos que ele não escaparia ileso. Cada um de nós ouviu a Zélia e os economistas do candidato eleito falarem durante a preparação do plano que não haveria “alongamento compulsório do perfil da dívida”. Os mais ingênuos acreditaram. Mas na cabeça de cada um vivia o espectro do calote. O fantasma era tão real que certa noite fui acordada por um telefonema do diligente Marco Antonio Gay, o jornalista que acompanha na gráfica a impressão do *Jornal do Brasil*, e que costuma ser assaltado por dúvidas no meio da madrugada. Ele queria checar uma notícia e me perguntou de sopetão:

— Miriam, é calote da dívida interna que se diz?

— É. Sim. Não. Onde? Pelo amor de Deus! Quem? Quando?

Eu, acordando, achei que havia chegado o dia. Havia sim, só que na Argentina. O do Brasil veio meses depois.

Se sabíamos mais do que noticiamos, o que nos tolheu? Existem, entre nós, alguns dogmas. E um deles reza sobre as profecias auto-realizáveis. Se dissermos que um banco vai mal das pernas, ele quebra. Se anunciarmos um calote, quebramos o sistema financeiro e produzimos a hiperinflação. Se falarmos que haverá falta de óleo de soja, provocamos o colapso do abastecimento.

**Mico preto** — Por amor à polêmica, quero sustentar a tese de que temos o dever de informar melhor. As grandes empresas e os muito ricos têm consultores bem pagos (alguns usufruindo do tráfico espúrio entre o governo e o setor privado) para lhes informar o que sonhamos ao leitor comum. O pequeno poupador, o consumidor anônimo, tem a nós — e a ninguém mais. É certo que não podemos gerar o caos; mas podemos manter um silêncio cúmplice? Podemos conceder apenas a privilegiados as nossas descobertas? Qual é o limite do silêncio? Até onde é senso de responsabilidade e a partir de que ponto passa a ser omissão de socorro?

São questões que me inquietam nesta era pós-calote, quando se acumulam histórias de pequenos poupadores que adiaram sonhos, arquivaram planos e tiveram seus bens sequestrados. E me inquietam até porque sei, de conversar com banqueiros e empresários, que eles não têm mais cruzados em mãos — converteram, pagaram impostos, fraudaram, escaparam dos sequestradores. Já a classe média, o cidadão comum, ficou de novo com o mico preto na mão à espera de que o mundo não acabe em 12 prestações nos próximos 18 meses.

X

Miriam Leitão, 37 anos e 17 de profissão, é colunista econômica de *O Estado de S. Paulo* e comentarista de economia da *Rede Manchete*.



Johnnie Walker



Johnnie Walker



Johnnie Walker